

A Animação Sociocultural, a Gerontologia, o Animador Sociocultural e as perspetivas futuras

Marcelino de Sousa Lopes
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Paula Cristina Matos de Sousa
Agrupamento de Escolas Dr. Júlio Martins

Palavras-chave: Animação Sociocultural, Consciencialização, Envelhecimento, Gerontologia, Ética, Deontologia, Participação.

Resumo: Neste artigo questionamos a existência da Animação Sociocultural no envelhecimento com vida ativa. Procuramos fundamentar as bases de uma gerontologia com dimensões social, cultural e educativa e lançamos pontes de articulação entre a gerontologia e a animação sociocultural. Trazemos à colação a problemática de um perfil de Animador Sociocultural ligado aos idosos. Analisamos de forma crítica e fundamentada os modelos de formação de Animadores Socioculturais em Portugal. Debruçamo-nos sobre a utilidade do Animador Sociocultural. Opinamos sobre a utilidade de um estatuto profissional e de um código deontológico para o Animador Sociocultural e sobre o que o diferencia de outros trabalhadores sociais.

Introdução:

(...) *Não é fácil, Senhor, a vida que nos deste.
Por isso, muitos corações
se vão assemelhando a pequenos pântanos
onde se desenvolve o limo da melancolia
ou a serpente do desespero.
Por isso as árvores do sonho
mal conseguem dar frutos
e os poucos frutos
deixam nos lábios um sabor a fel...
Não é fácil, Senhor, a vida que nos deste.
(António Cabral, in. Poemas Duriense)*

Que presente e que futuro está reservado para a Animação Sociocultural e para os Animadores Socioculturais? O que entendemos por Gerontologia? Animador Sociocultural para a Terceira Idade ou Animador Gerontológico? Estatuto de Animador Sociocultural ou Código Deontológico do Animador Sociocultural? Qual o modelo de Formação de Animadores Socioculturais em vigor? O que distingue o Animador Sociocultural dos restantes trabalhadores sociais? O atual poder político valoriza a Animação Sociocultural e consequentemente a participação?

Neste tempo de incertezas, de ambiguidades, de paradoxos, de quiproquós, de falta de democracia, de ausência de participação, tempo de felicidade aparente, da assunção do poder unívoco... dizemos que o mundo está desengonçado.

Há lugar para a Animação Sociocultural? Há lugar para a Participação comprometida com o desenvolvimento social, o cultural e o educativo? Obviamente que existe lugar, e cada vez com maior força e necessidade, já que a Animação Sociocultural e o Animador Sociocultural, com as suas metodologias de intervenção ativa e participativa, procuram sempre soluções a partir da ação comum para o bem-estar das populações.

O estado central afasta-se do apoio à cultura, à criação cultural e à promoção de uma participação com intenções culturais, sociais e educativas. O estado apenas é generoso

com o associativismo de caráter político/partidário, onde não assistimos à ladainha da falta de recursos financeiros...

Estas questões constituem o âmago das nossas preocupações, e ao longo do artigo vamos dissecá-las sem pretendermos encontrar respostas definitivas, que não existem.

A primeira evidência é que necessitamos de uma Animação Sociocultural cada vez mais comprometida em desenvolver ações que levem as pessoas a querer participar, a realizarem-se e a encontrarem caminhos, sem nenhuma imposição, que os conduzam a perspectivas de soluções para os seus problemas. Desta perspectiva vemos a intemporalidade da Animação Sociocultural pois as metodologias variam embora a intencionalidade seja sempre a mesma, a participação. Há falta de experiência de participar, há falta de educação para a participação. Não se pode confundir a participação com a integração, a absorção e a confusão. Falta fomentar a participação desde as cúpulas dirigentes até às bases. A elite económica está pouco interessada que exista participação e teme a participação eficaz, pois esta pode conduzir ao surgimento de uma elite cultural capaz de a desafiar. É este temor que conduz a comportamentos ditatoriais nas organizações democráticas. No geral, o poder político aspira a que participemos de acordo com uma ordem pré-estabelecida para controlar a participação. O desvio da ordem estabelecida para a participação implica que a pessoa seja perseguida, marginalizada e neutralizada de forma a inibir comportamentos próprios de um livre pensador. A esmagadora maioria da classe política reduz a participação ao ato eleitoral.

Outro problema real que acontece nos dias de hoje, e que tem por base os mesmos preceitos, é o “armazenamento humano”. Nascemos, crescemos, vivemos e morremos desligados do contexto da vivência da vida cultural. Na atualidade o nascimento acontece no hospital, o primeiro crescimento é no infantário/ jardim de infância, posteriormente na escola e na universidade, o trabalho é em geral numa instituição, o envelhecimento é normalmente num lar e a morte é comum que seja no hospital. Estes comportamentos representam a assunção da institucionalização e do armazenamento humano conduzindo-nos a um distanciamento calculado da nossa identidade coletiva, da nossa raiz cultural, da nossa identidade enquanto povo. Nada nos faz sentir menos cidadãos do que a sensação que pertencemos a qualquer lugar sem termos um lugar a que possamos chamar nosso. Uma das questões que deve nortear o futuro da animação sociocultural e dos Animadores Socioculturais é a consciencialização da excessiva carga de educação formal que desenvolve a desmotivação, a desconexão, a resistência a currículos elaborados em gabinete, sem qualquer conexão com a realidade dos indivíduos para os quais foram desenhados, tornando-se uma educação que é condicionadora da vida, em detrimento de uma aprendizagem com a vida, evitando que a própria vida comece a ser trivial. É, pois, prioritário enfatizar a educação informal, desenvolvendo-a em contextos não formais onde o sujeito é chamado a participar. Quanto ao envelhecimento, o que normalmente acontece é o corte com a vida, ou seja, o desligar das relações sociais existentes, o abandono da vida comunitária, o afastamento da família, o fim da atividade do idoso até este deixar de se sentir vivo. É caso para dizer: e os idosos Senhor porque lhes dais tanta dor?

1. Breve síntese histórica da Animação Sociocultural

Ao refletirmos sobre o contexto do aparecimento da Animação Sociocultural, que ocorreu na segunda metade do século XX, em França, vemos que resulta da necessidade de mobilizar as pessoas a responderem a um quadro de desafios e necessidades que ocorrem após o drama de duas guerras mundiais. A Animação Sociocultural emerge muito associada a resposta às crises, à questão do desenvolvimento, do aparecimento da

chamada sociedade do bem-estar e da democratização cultural através do paradigma de uma cultura para todos. A Animação Sociocultural cumpria, neste contexto, o desiderato da necessidade de resposta a um quadro ideológico onde o poder político sentia a Animação Sociocultural como uma pedagogia participativa e mobilizadora para levar à transformação social através da ação cultural. Contudo, esta postura não suprimia o fosso entre quem produzia a cultura e quem passivamente a recebia, era o apogeu da chamada difusão cultural. No início era assim e, dentro de um quadro evolutivo, constatamos que, a partir dos anos 80, aparece a designada democracia cultural, traduzida no princípio que não basta as pessoas verem cultura é necessário fazerem cultura, isto é, uma ação cultural onde as pessoas fossem protagonistas e não apenas espetadores passivos. É neste contexto que o O FAOJ - Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis - e o INATEL - Instituto Nacional de Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (não a Fundação INATEL de hoje, cada vez mais parecida com a FNAT do estado novo) preconizavam uma intervenção onde, não bastava ver cultura, era necessário fazer cultura, não satisfazia ir ao teatro era preciso fazer teatro. Não para que o indivíduo fosse ator profissional, mas para, através do teatro, potenciar a comunicação, a interação, o vencer medos e inibições... isto é, participarem de forma comprometida no seu desenvolvimento social, cultural, educativo.

Quando existiam dificuldades para a concretização dos projetos socioculturais havia sempre um Animador Sociocultural, suportado pelas instituições descritas, para responder aos desejos da comunidade e, com a comunidade, encetava um trabalho assente numa pedagogia de proximidade. Por exemplo, o teatro dava azo a um trabalho de processo que iniciava na procura do texto dramático, na análise dramatúrgica do referido texto, nos ensaios, na criação cenográfica, na conceção da luminotecnia, na construção dos adereços, na elaboração da sonoplastia... E tudo era feito numa partilha educativa intergeracional (crianças, jovens, adultos e idosos envolvidos na realização de ações culturais), criativa e participativa. Estes projetos constituíam o exemplo de um trabalho de Animação Sociocultural através do teatro, já que a dimensão social era assumida pela interação humana, partilha de ideias; o contexto cultural acontecia porque o teatro é, na sua essência, expressão de cultura, e o educativo através da aprendizagem da mensagem do texto, o estudo semântico e estético literário da obra e do autor.

Lamentamos que um certo poder político, temeroso desta aprendizagem da participação, acabasse com estas práticas educativas em contextos não formais e, com esta decisão, levou a que se gerasse um enorme fosso, pois deixou de haver um complemento à educação formal.

A Animação Sociocultural na atualidade

No virar do século a visionária Aguilar. M.J (2005, p. 8) traz à colação uma importante reflexão sobre a questão do futuro da Animação Sociocultural e refere, com a pertinência que a caracteriza, que um novo tipo de sociedade se desenha e implica novos desafios para a Animação Sociocultural. Lembra a autora que nos encontramos numa nova era (a da informação), que se apoia numa estrutura/prática social emergente e que promove novos âmbitos profissionais, que não podem seguir agarrados a conceitos vindos de uma sociedade em vias de extinção, como é a sociedade industrial. Neste contexto, importa proceder a uma alteração das metodologias de intervenção, já que as técnicas e as

ferramentas não podem ser as mesmas. Tendo em conta esta nova ordem, a Animação Sociocultural tem de estar atenta ao pulsar do novo tempo e ter como base os seguintes desafios:

- ✓ Estudar e compreender a nova realidade social;
- ✓ Identificar novos métodos de intervenção profissional que tenham relação com esta nova realidade;
- ✓ Conceber planos coerentes a partir das necessidades concretas das populações e comunidades.

Ainda para esta autora, o futuro da Animação Sociocultural não passa pelo individualismo, nem pelo coletivismo, pois, o individualismo gerou um grande número de socialmente excluídos e quanto ao coletivismo, a história demonstra o fracasso total do apregoado paraíso de felicidade, tendo contribuído para o aumento da pobreza, da precarização, das desigualdades sociais. Neste contexto só nos resta a recuperação dos antigos valores projetados na revalorização do grupo e da comunidade, próximos do léxico matricial da Animação Sociocultural.

1.1. A Animação Sociocultural, a Gerontologia, a Comunidade e o Envelhecimento Criativo

De que falamos quando nos referimos a Gerontologia? Existe na comunidade académica uma certa confusão à volta do termo Gerontologia pois uns ligam-no à área científica do desporto, outros à área científica exclusivamente social. Para nós o termo Gerontologia deriva de Geronte (membro da comunidade da Gerúsia) que, na Grécia antiga, representava o conselho dos velhos (Gerontos) e a Gerontologia correspondia a um tratado educativo à volta do envelhecimento. Na mesma ótica, projetam o termo Gerontocracia como uma governação confiada aos velhos. Na atualidade, a Gerontologia apresenta-se numa visão holística que se ocupa do estudo do envelhecimento da pessoa humana nas suas distintas vertentes, biológica, psicológica, social, cultural, educativa, política. Sendo um estudo que se estende a todo o ser humano e a toda ação humana, na nossa perspetiva, tem um foco essencialmente educativo. Com base neste princípio, a Gerontologia Educativa passa pela criação de projetos de desenvolvimento de modelos e programas de animação, estimulação, enriquecimento pessoal, formação e instrução para e com os idosos. Nesta conceção de Gerontologia Educativa não existe cabimento para as chamadas Universidades Seniores, uma vez que estas apenas possuem o propósito da escolarização do idoso dentro de uma perspetiva passiva, redutora, por vezes infantilizada, ritualista onde não há espaço para a criatividade. A nossa proposta de projeto educativo gerontológico passa por inovadoras universidades da experiência, onde os mestres são os sábios Gerontes que nos ensinam a nós, académicos e vítimas da escolarização formal, os saberes e as partilhas da vida, nomeadamente, como se planta e se cuida de uma árvore, o ritmo dos tempos da produção agrícola, as crenças, as lendas, a gastronomia, a medicina popular, os jogos tracionais, enfim, o conhecimento informalmente adquirido.

Estas universidades da experiência teriam uma ação articulada com a Gerontologia e a Educação Intergeracional, já que na vida comunitária interagem crianças, jovens, adultos e idosos. As gerações vivem e convivem em torno de projetos geradores de comunicação

intergeracional. Importa, nesta interação, perceber o ciclo da vida: as crianças com o seu faz de conta, os jovens com a sua sentida mobilidade, os adultos com o sentido do pragmatismo e, finalmente, a idade grande à qual alguns chamam Maior. Neste paradigma importa não apenas considerar a idade maior, mas também uma cidadania maior. É neste cruzamento de partilhas e vivências que está o cerne da nossa proposta intergeracional e gerontológica. Uma educação para e com a vida requer o rompimento de barreiras comunicacionais e a assunção de uma postura pedagógica intergeracional, tal como nos assinala Vieites (2013, p.32-33): *“A educação pode e deve ser definida, antes de tudo, como um processo de comunicação, porque educar é comunicar, e com isso tudo o que o verbo implica: expressar, codificar, decodificar...Em numerosas ocasiões os processos educativos fracassam porque fracassam como processos de comunicação. Todo o processo intergeracional para que o possa ser, precisa ativar em primeiro lugar marcos de encontro entre sujeitos, e depois dinâmicas comunicativas que mantenham vivo o desejo de encontro, ou a sua necessidade.”*

Relembramos que Educação e escolarização não são bem a mesma coisa. A Educação é anterior à Escola. O sistema educativo mais antigo da humanidade é a denominada educação informal, isto é, o espaço educativo que acontece pela via da transmissão e partilha de saberes na família, na comunidade. Foi este sistema, que vem da origem da humanidade, que se institucionalizou como uma necessidade humana ao longo da história, que constitui, a nosso ver, uma metodologia educativa para os tempos vindouros. O tempo da vida deve ser um tempo ativo e animado. Não existe Animação Sociocultural para ocupar o tempo, pois o tempo (sobretudo nos idosos) é precioso demais para ser apenas ocupado. O tempo requer uma animação onde o ato de animar seja o de educar, comunicar, interagir, partilhar, vivenciar e implicar-se com o outro. Participar é ter presentes as necessidades humanas, é pensar o homem na sua dimensão social, é procurar relacionar-se e partilhar com os outros, é assumir-se homem cidadão que pensa, que age, que opina, que intervém e que é protagonista do seu próprio desenvolvimento.

2. O Animador Sociocultural

O Animador Sociocultural deve ser, por natureza, uma pessoa inquieta e fundamentalmente insatisfeita. O seu trabalho exige-lhe a capacidade de articular os seus objetivos e os dos outros de maneira a abrir espaços que permitam um alargamento das escolhas possíveis, entre as várias alternativas de atuação. São necessárias mudanças profundas na atuação dos Animadores Socioculturais, pois o panorama atual é aterrador. A esmagadora maioria dos Animadores Socioculturais não sabe conceber e executar um projeto de Animação Sociocultural. A maioria dos estudantes de Animação Sociocultural, no espaço do ensino superior, vão parar a esta área ou por capricho do concurso nacional, normalmente ditado pelas fracas notas de acesso ou, então, por imposição de ordem geográfica. Somos portadores da convicção que ninguém nasce Animador Sociocultural, como ninguém nasce médico, ou professor... as pessoas não nascem, fazem-se no espaço e no tempo formativo. Temos constatado, ao longo do tempo, que se perdeu o regozijo, o orgulho e a honra em ser Animador Sociocultural. Muitos alunos, depois de licenciados, optam por títulos académicos descabidos, tais como “Licenciado em Ciências da Educação”, “Licenciado em Ciências Humanas e Sociais”, “Pedagogo Social”. Mesmo aqueles que, aparentemente, se dizem orgulhosos da sua formação académica, optam por investigar fora do contexto da Animação Sociocultural e dos Animadores e prosseguem

carreiras que nada têm a ver com a ASC. A falta de coerência, a ausência de rigor, o exercício do praticismo, a imaturidade, a falta de capacidade de missão de serviço, estão a minar uma área que se apresenta com um enorme potencial de crescimento.

O sábio dos sábios nesta área, Ezequiel Ander-Egg, enunciou os preceitos do Animador Sociocultural e anunciou que o Animador Sociocultural deve ser uma pessoa comprometida com a vida e com as pessoas. Eis alguns elementares princípios que devem estar presentes nos animadores: não pode ser animador quem não está animado; não podem ser animadores os solitários, os aborrecidos, os desiludidos, ou seja, os desanimados; não podem ser animadores aqueles que não acreditam que os outros se podem animar; não pode ser animador quem não for capaz de estabelecer relações interpessoais produtivas, gratificantes e amistosas; não podem ser animadores os oportunistas, os trapaceiros, os aspirantes ao aplauso fácil e os bajuladores do poder político.

O problema do Animador Sociocultural não está na ausência de estatuto, pois a sua carreira, no caso de ser licenciado, está consagrada na nomenclatura da administração pública como técnico superior e, no caso de ser possuidor de formação profissional, também está assegurada no catálogo das carreiras técnicas profissionais; é uma questão de se lutar pelo cabal cumprimento da lei. Reconhecemos que falta um código deontológico que regule o acesso à profissão.

2.1. O Animador Sociocultural, a ética, o estatuto e o código deontológico

Ética - do grego “ethiké” ou do latim “ethica”. A ética é o juízo de apreciação que distingue o bem do mal, o comportamento correto do incorreto. Os princípios éticos constituem-se enquanto diretrizes pelas quais o homem rege o seu comportamento, tendo em vista uma filosofia moral dignificante. Os códigos de ética são dificilmente separáveis da deontologia profissional, pelo que não é pouco frequente os termos ética e deontologia serem utilizados indiferentemente. O termo deontologia surge das palavras gregas “déon, déontos”, que significa dever, e “lógos” que se traduz por discurso ou tratado. Sendo assim, a deontologia é o tratado do dever ou o conjunto de deveres, princípios e normas adotadas por um determinado grupo profissional. A deontologia é uma dimensão da ética especialmente adaptada ao exercício de uma profissão. O código deontológico dos Animadores Socioculturais deve ter por base o respeito a um conjunto de deveres que se estendem à legislação vigente. A deontologia em Animação Sociocultural e nos Animadores Socioculturais transporta em si especificidades próprias, quer do ponto de vista do trabalho do animador com a comunidade, quer dos seus deveres para com a instituição. O triângulo - animador/instituição/comunidade - é uma realidade incontornável que, do ponto de vista dos deveres e normas, deve estar comumente articulada e consagrada no código deontológico.

Faz todo o sentido que nos cursos superiores de Animação seja lecionada uma unidade curricular que aborde de forma cabal a ética e a deontologia profissional, aplicada à Animação Sociocultural e aos Animadores Socioculturais. Há matérias que devem ser discutidas e refletidas no contexto formativo ao nível teórico-prático, experienciadas em diferentes situações reais de intervenção comunitária com diferentes grupos e comunidades. Há princípios éticos que fazem parte do processo da ação do Animador,

valores que são adquiridos no trabalho coletivo resultado das vivências quotidianas e fruto do trabalho de Animação.

Nas conclusões do congresso “O Animador Sociocultural no Século XXI – perfil, funções, âmbitos, metodologias, modelos de formação, e projetos de intervenção”, declarou-se que como Animadores Socioculturais devemos incutir a análise crítica da realidade através do encontro e do acontecimento e devemos reivindicar a complexidade da dimensão humana social e cultural do ser humano e exortá-lo a ser ator do seu próprio desenvolvimento. Ao longo da história dos Animadores Socioculturais e da Animação Sociocultural foram objeto de análise mais de duas dezenas de estatutos de Animadores, que têm servido para distrair e não nos centrarmos nos problemas essenciais da nossa missão/profissão. Não existe em vigor, em nenhum país do mundo o estatuto de Animador Sociocultural. A nossa perspectiva vai ao encontro da longínqua visão de Orlando Garcia quando, nos anos 70 do século passado, este visionário referia *“Eu direi: estatuto sim, enclausuramento não. (...) fechar os animadores dentro de um estatuto? Além de que, ter que fazer um estatuto, como condição para uma profissão (que de facto já existe e está em pleno desenvolvimento) ser reconhecida oficialmente, parece tratar-se de uma prática corporativa, que pode conter inúmeros perigos. (...). O estatuto não deve ser considerado como um meio de defesa dos indivíduos (para isso existem os sindicatos, as associações de classe e outras entidades, que se não são eficazes têm que passar a ser), mas como um meio de assegurar as garantias mínimas ao trabalho dos animadores para que nem o seu trabalho, nem a sua integridade profissional, nem a sua continuidade, possam ser postos em causa por quem quer que seja (o que está a acontecer neste momento)...”*

A Animação Sociocultural é filha da democracia, é polissémica, é plural e está ligada a diversos âmbitos existentes e outros, que emergem a partir de novas necessidades sentidas na sociedade. Dada esta insofismável realidade, os Animadores Socioculturais não podem e não devem estar fechados e prisioneiros de sistemas e modelos que os amarram, os prendem, que os limitam na sua essência e que é a aspiração de serem inovadores, criativos, livres e de procurarem novos caminhos ainda não descobertos, que os distingue enquanto profissionais.

2.2. Modelos de Formação de Animadores Socioculturais

A formação de Animadores Socioculturais, na atualidade, encontra-se desfasada da realidade e das necessidades formativas. Temos analisado e estudado os planos formativos existentes no ensino superior e concluímos que existe uma acentuada ambiguidade, uma enorme incoerência e uma ausência de critérios nos planos formativos de Animadores Socioculturais. Constata-se uma inadequada e desqualificada oferta formativa, sem uma base que responda às exigências de uma formação séria no campo da Animação Sociocultural. A crise da Animação Sociocultural é também resultante da crise formativa nos Animadores Socioculturais, como se pode verificar pelos seguintes indicadores:

- Consequência de nos anos 90 proliferar uma oferta formativa em animação sociocultural desligada da Animação Sociocultural;
- Docentes de Animação Sociocultural sem formação específica para o efeito, uma vez que a sua seleção é feita a partir de razões que a razão desconhece, normalmente obedecendo a uma lógica de reconhecimento dos departamentos e também ditada pela

necessidade de completar horários de docentes do quadro, mesmo que não tenham ligação à área;

Na atualidade este fosso mantém-se e é reforçado provocando o seguinte quadro:

- Nos cursos existentes a vigorar em Portugal, a esmagadora maioria dos diretores do ciclo de estudos em Animação Sociocultural não possui formação na área, nem produção na área e, em alguns casos, são nomeados a partir de sistemas autocráticos ditados por caprichos das direções dos departamentos;
- 90% dos docentes não sabe, e não quer saber, o que é a Animação Sociocultural e o que é um Animador Sociocultural. Para estes “Docentes” são os discentes que se devem adaptar ao perfil e ao currículo, pensado pelo docente numa lógica de educação bancária;
- Existem incoerências no plano formativo, em algumas unidades curriculares, pois o mesmo plano de estudos serve para professores do ensino básico, educadores de infância, Animadores Socioculturais...
- Há ausência de rigor na aprendizagem de projetos;
- Não há ligação dos projetos às práticas e aos estágios profissionais, que são simulações de estágios orientados de forma virtual e não real;
- Não são respeitados os regulamentos de orientação de estágios profissionais;
- Existe uma grande desqualificação no corpo docente, o recrutamento de docentes é feito com base na mão de obra mais barata, em detrimento de doutores na área;
- Não se investiga e não se alia o saber ao saber fazer;
- Não existe diálogo entres as instituições formadoras e as entidades empregadoras;
- Deficiente articulação de algumas unidades curriculares, nomeadamente: teatro não aplicado à Animação Sociocultural, música não enquadrada com a Animação, metodologias que não se ligam à Animação Sociocultural, ética descontextualizada da Animação Sociocultural...

Estas situações geram desmotivação e desinteresse, por parte dos docentes e discentes, e levam ao descrédito de uma área com grande potencial e cada vez mais necessária no mundo em que vivemos.

Abordamos em seguida a visão europeia ao nível da formação de Animadores Socioculturais.

Em 1992, a Comissão Europeia divulgava, através de um relatório elaborado por C.G, Lazos para a Task Force Recursos Humanos, Educação, Formação e Juventude, os modelos de formação de Animadores nos diferentes estados membros, com base neste documento:

País	Modelo de Formação	Reconhecimento da Profissão do Animador Sociocultural	Principais eixos formativos
Bélgica – Comunidade francesa	Voluntária, profissional e universitária.	A profissão não se encontra regulamentada.	Quadro formativo com base nas ciências humanas e sociais.
Bélgica – comunidade flamenga	Animadores voluntários, Animadores profissionais e Animadores de nível superior realizada em universidades.	A profissão não se encontra regulamentada.	Quadro formativo com base nas ciências humanas e sociais.
Dinamarca	Formação de Animadores voluntários, formação de Animadores profissionais e formação superior especial.	A profissão não se encontra regulamentada. 95% dos Animadores trabalham em associações e em regime de voluntariado.	Pedagogia Social e Comunitária/ Educação Social/ Desenvolvimento Comunitário e Intervenção Socioeducativa.

República Federal da Alemanha	Quatro níveis de Pedagogia Social: (Escola Superior Profissional 1, 2 e 3) e nível universitário.	Não existe a nomenclatura Animador Sociocultural e para a função de Pedagogo é exigida qualificação.	Pedagogia Social, Educação e Desenvolvimento Comunitário e Pedagogia dos tempos livres.
Espanha	Formação de Animadores voluntários, formação de Animadores profissionais e formação de Animadores de nível superior.	A profissão não se encontra regulamentada.	Educação Social, Educação do Tempo Livre, Ócio e Desenvolvimento Comunitário.
França	Voluntariado, profissional e universitário. (existência de uma oferta formativa variada tendo em conta a tríade descrita)	A profissão não se encontra regulamentada, os diplomas são conferidos pelo Ministério da Juventude e Desportos.	Intervenção Socioeducativa, Pedagogia do tempo livre, Pedagogia do Lazer e Intervenção comunitária.
Grécia	Existem dois sistemas não universitários.	A profissão não se encontra regulamentada.	Pedagogia do Tempo Livre e Intervenção Socioeducativa.
Irlanda	A formação é de nível Superior .	A profissão não se encontra regulamentada.	Pedagogia Social, Pedagogia do Ócio, Educação e Desenvolvimento Comunitário.
Itália	Modelo de formação: profissional e universitária.	A profissão não se encontra regulamentada.	Educação Social, Pedagogia do Tempo Livre, Educação Artística e Desenvolvimento Comunitário.
Luxemburgo	Modelo de formação: direcionada para Animadores voluntários e assente em três tipologias de Animadores: Animador/Monitor, Animador e Diretor.	A profissão não se encontra regulamentada.	Pedagogia do Tempo Livre, Lazer, Intervenção Socioeducativa e Associativismo.
Países Baixos	Modelo de formação: profissional e universitária.	A profissão não se encontra regulamentada.	Pedagogia Social, Pedagogia do Ócio, Educação comunitária.
Reino Unido	Nível Superior e Profissional.	A profissão não se encontra regulamentada.	Desenvolvimento Comunitário, Trabalho Comunitário, Educação Comunitária, Pedagogia Social.

Fonte: Lopes (2015, p. 69-70)

Estudo comparativo ao nível da formação de Animadores nos diferentes países da União Europeia.

O reconhecimento da formação	Ressalta, na esmagadora maioria dos países – membros, o reconhecimento dos cursos ministrados no espaço formal. Regista-se, todavia, um outro espaço de formação não formal, normalmente ligado ao movimento associativo e que não possui reconhecimento.
O acesso à função de Animador	As formas de acesso à carreira profissional de Animador, bem como da respetiva formação, apresentam, atualmente, uma enorme diversidade que normalmente, corresponde à variedade de programas, atividades e serviços levados a cabo no contexto da Animação. Todavia, existe a tendência para o reagrupamento das diferentes situações e a adoção de normas conducentes a uma definição mais precisa dos perfis profissionais, uma programação mais coerente nos métodos e nos conteúdos de formação, bem como um certo paralelismo entre as iniciativas tomadas no domínio da formação de Animadores e a evolução da Animação.
Conteúdos formativos	Apresentam alguns elementos estruturais comuns, como a repartição em cursos teóricos e estágios práticos ou o escalonamento de matérias nucleares à volta das

	seguintes matérias: ciências sociais, psicologia, dinâmica de grupos, técnicas de animação, legislação social, estudo da comunidade, conceção, gestão e avaliação de projetos. Assiste-se, igualmente, a uma certa tensão entre a procura de uma formação polivalente e generalista e uma formação de Animadores cada vez mais especializados para intervir em situações, meios e destinatários específicos.
Dimensão Europeia	Nota-se, de uma forma geral, a ausência de tentativas de nivelar e articular a formação de Animadores, numa perspetiva que tenha como base a problemática conferida pelo espaço europeu.
O Reconhecimento da Profissão	Os Estados membros apresentam uma visão contraditória e até antagónica da situação. Todos os países reconhecem a função do Animador e das profissões afins, mas, também, em todos os países não é reconhecida, nem regulamentada a profissão de Animador.

Fonte: Lopes (2015, p. 69-70)

2.3. O Animador Sociocultural Gerontólogo como promotor de um envelhecimento ativo e de Educação Intergeracional

É necessário o aparecimento de um perfil de Animador Sociocultural que cruze a tríade Animação Sociocultural, Gerontologia e Educação Intergeracional. Esta tríade transporta em si uma similitude natural entre as dimensões do social, cultural e educativo, por isso, é importante recordar os quatro pilares da educação e tê-los presentes na intervenção: *o Ser* – o ser Animador Sociocultural, portador de sensibilidade, de criatividade, de empatia, de tolerância, de compreensão, de disponibilidade, de solidariedade, de inspiração, de confiança. – *Saber* – portador de uma sólida formação a nível das ciências humanas e sociais (Animação Sociocultural, Gerontologia, Psicologia, Sociologia, Pedagogia do Ócio, Pedagogia Social, Desenvolvimento Comunitário, Economia Social, Ética...). Formação a nível das Artes com enfoque no Idoso (Teatro, Expressão plástica, música...) – *Saber Fazer* – Importa aliar a teoria à prática e a prática à teoria e ter presente que ser Animador Sociocultural é ser um profissional capaz de conceber e executar um projeto de intervenção. É urgente reformular os estágios simulados em muitas escolas, onde apenas se aprende o que não deve ser feito. – *Aprender a viver juntos* - A grande força da Animação Sociocultural e da Educação Intergeracional ancorada a uma Gerontologia com idênticos propósitos. O Animador Sociocultural do Século XXI, na sua intervenção, deve valorizar a interação humana, o diálogo e a educação intergeracional, que se traduz na essência de um aprender a viver juntos e rejeitar a fragmentação etária. Quando se fala em educação na terceira idade é preciso ter em conta a sua especificidade e para fundamentar esta questão vamos recorrer a Saez (1997, p. 13/14) e à sua visão de que não se pode manter uma conceção pedagoga quando se fala de educação para a terceira idade, e reforça: “*Considerar a educação dos idosos com os mesmos pressupostos e requisitos que se utilizam para pensar a educação das crianças e jovens é um erro. Um crasso erro que conduz à inutilidade e à confusão. O mundo da terceira idade há que o situar debaixo de uma ampla cobertura que é a dos serviços sociais. (...) A lógica da terceira idade é viver e experienciar em interação, em pautas de comunicação, não em examinar-se, não em ser avaliado, ou dar conta de... Segundo esta perspetiva, a Animação Sociocultural (...) é um esplêndido veículo para atingir as possibilidades educativas da Terceira Idade.*”

Quanto às atividades intergeracionais são por nós encaradas como ações resultantes da interação intergeracional, expressa numa ação planeada e concebida com a envolvimento

de diferentes grupos etários. Na Educação Intergeracional existe uma intencionalidade educativa, não basta agir e interagir, mas sim aprender uns com os outros através de programas de intervenção intergeracionais. Somos defensores de uma Gerontologia Educativa (Bermejo 2005, p.135) que elege as seguintes funções: Respeito pela pessoa idosa, importa ter presente todas as facetas do ser humano (biológica, psicoafectiva, e sociocultural). Dinamizar a pessoa idosa em todas as suas dimensões (atividade física, psicoafectiva e sociocultural). É importante o enquadramento do idoso no seu meio físico e social. Valorizar a imagem do idoso e inculcar-lhe confiança. Promover a capacitação no idoso no sentido de o tornar mais autónomo e estimular a sua autorrealização.

2.4. O Animador Sociocultural e os Outros Trabalhadores Sociais

O terreno social está povoado de diferentes agentes de intervenção, educadores sociais, técnicos de serviço social, técnicos de trabalho social, assistentes sociais, animadores socioculturais...

Neste terreno existe uma acentuada confusão, desde logo com a falta de clarividência de algumas matrizes formativas que carecem de rigor histórico, como é o caso da educação social que emerge a partir de modelos educativos espanhóis e alemães, desfasados da nossa história. A Educação Social aparece no contexto da pedagogia social e aparece associada a questões como o apoio à juventude, o apoio à família. O trabalho social e o serviço social apresentam visões assistencialistas onde não se trabalha com as pessoas, mas sim para as pessoas.

O Animador Sociocultural emerge dum quadro formativo ligado à Animação Sociocultural francófona, resultante da segunda metade do século XX, que é institucionalizada em Portugal com o 25 de abril de 1974, ligada ao convénio luso-francês, e que tem como fim uma ação de caráter social, cultural e educativa, no sentido de tornar o ser humano autónomo e protagonista do seu próprio desenvolvimento.

Assim, o Animador Sociocultural é o único agente que na sua ação rejeita o modelo assistencialista e exorta a pessoa a ser pessoa em toda a sua plenitude.

É como diz o provérbio oriental “Dê ao homem um peixe e ele se alimentará por um dia. Ensine um homem a pescar e ele se alimentará por toda a vida.” Os outros dão o peixe e resolvem o problema de um dia. Os Animadores Socioculturais ensinam a pescar e resolvem o problema para a vida.

Por isso, o futuro tem futuro para o Animador Sociocultural.

Conclusão

Em termos de reflexão final, constatamos os sinais paradoxais deste tempo que se colocam de forma central à Animação Sociocultural e aos Animadores Socioculturais e que condicionam a nossa intervenção junto das pessoas. Que futuro para a Animação Sociocultural e para os Animadores Socioculturais se o próprio termo não tem um reconhecimento Europeu uniforme. Lembramos as designações similares no espaço europeu, Alemanha (pedagogia social), Inglaterra (desenvolvimento comunitário), Espanha (educação social) ...

Contudo, os sinais sentidos nestes quase 70 anos de vida da Animação Sociocultural mostram-nos a necessidade de que os Animadores Socioculturais cumpram os preceitos desta Pedagogia da Participação.

Terminamos com a necessidade imperiosa de defendermos a Animação Sociocultural e os Animadores como pilares do desenvolvimento das populações no futuro.

Referencias Bibliográficas

Aguilar, M. J. (2005): *El Futuro de la Animación Sociocultural y su Dimensión Interdisciplinar*. Cuadernos de Animación n.º 8. Asociación cultural Asturactiva,

Ander-Egg, Ezequiel. (1992-2.ª edición): *La animación y los animadores*, Narcea Ediciones.

Ander-Egg, Ezequiel. (2000): *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*, Editorial CCS.

Bermejo, L. (2010): *Envejecimiento Activo y Actividades Socioeducativas com Personas Mayores – Guía de buenas prácticas*, Editorial Medica Panamericana

Bermejo, Lourdes (2005): *Gerontología Educativa como diseñar proyectos educativos com personas mayores*, Editorial Médica Panamericana.

Garcia, O. (1976) *Documento II da Divisão de Formação técnica – Relatório sobre a formação de Animadores em Portugal*, FAOJ (texto policopiado).

Lopes, M. S. (2006): *Animação Sociocultural em Portugal*, Intervenção.

Mínguez, J.G. (2004) *La educación en personas maiores – Ensaio de nuevos caminos*, Narcea

Lopes, M.S. (2015) «Que Animadores Socioculturais e que formação para o século XXI». In. Pereira, J, D, L /Lopes, M, S. Maciel, M, A *O Animador Sociocultural no Século XXI – perfil, funções, âmbitos, metodologias, modelos de formação, projetos de intervenção*, Intervenção, p-p 61-74.

Saez, J. C. (1997): *La Tercera Edad Animación Sociocultural*, Madrid, Dykinson.

Vieites, M (2013) «Animação Teatral na Terceira Idade como espaço de Educação Intergeracional». In .Pereira, J.D.L, Lopes. M.S. Rodrigues. T *Animação Sociocultural, Gerontologia e Geriatria: A Intervenção social, cultural e educativa na Terceira Idade*, Intervenção, p-p 29-36.

Ventosa, V. (2002): *Fuentes de la animación sociocultural en Europa*, Madrid, Editorial CCS.